



APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “CURRÍCULO: POLÍTICAS E COTIDIANOS”

A recém-criada Associação Brasileira de Currículo (ABdC) assume, dentre outros, os objetivos de “realizar e fomentar estudos no campo do currículo” e “estimular a implantação de diferentes formas de difusão e divulgação de produções no campo do Currículo”. Assim, para atingir estes objetivos, a Associação propôs a três importantes revistas da área a publicação de dossiês organizados por autores do campo vinculados à Associação. Este é o segundo dos três dossiês do ano de 2012 – o primeiro foi publicado na *Revista Teias* de abril e o terceiro sai na *Revista Currículos Sem Fronteiras*, em dezembro.

Organizado por nós, este dossiê “Currículo: políticas e cotidianos” traz oito textos derivados de pesquisas e reflexões de autores com compreensões e atuação distintas em relação ao campo. Em comum, além da pesquisa em Currículo, compartilham a ideia que é preciso considerar, de diferentes modos e a partir de diferentes enfoques teóricos, as influências mútuas entre as políticas curriculares e os cotidianos escolares quando nos dedicamos a estudar uns e outros. Os textos deste dossiê articulam, portanto, ideias, pesquisas e questões sempre visando a contribuir para o desenvolvimento do campo, divulgando aquilo que vem sendo produzido e buscando, por este meio, fomentar novos estudos.

O texto de Nilda Alves, Maria da Conceição Soares e Nívea Andrade, “Um acervo fotográfico e suas possibilidades de pesquisa em currículos” narra uma experiência de pesquisa com o acervo fotográfico de J. Vitalino, fotógrafo oficial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) entre 1976 e 2008. As autoras buscam analisar algumas possibilidades de pesquisa na relação currículos e imagens usando como base teórica o pensamento de Certeau, Kossoy, Barthes, Sontag, entre outros. As ideias formuladas em discussões sobre este autores foram atravessadas por conversas com o próprio fotógrafo e com alguns antigos funcionários da Universidade que possibilitaram o desenvolvimento de narrativas com as fotografias selecionadas. Nesses processos, o artigo é uma contribuição para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação, compreendendo aquelas fotografias a partir de uma multiplicidade de possibilidades que indicam a ambiguidade tanto das fotografias como das narrativas tecidas com elas. Diferentes conhecimentos e significações





em torno da história da UERJ e de espaçotempos de processos curriculares foram sendo organizados. As autoras defendem, assim, que as fotografias são documentos ambíguos de cotidianos ambíguos, que contêm em si realidades e ficções, vivências e prospecções, revelações e ocultações e que, portanto não devem ser tomados dogmaticamente como uma verdade histórica. As narrativas produzidas sobre a UERJ, através dos usos destas fotografias, permitem compreender algumas das diferentes universidades dentro da Universidade.

“As Contribuições de Boaventura de Sousa Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos *pensadospraticados*”, de Inês Barbosa de Oliveira, parte da obra de Boaventura de Sousa Santos e suas possibilidades de uso nas reflexões educativas e considera o caráter político das noções e discussões sociais, sociológicas e educativas e a crença na democracia como forma de relacionamento entre sujeitos sociais individuais e coletivos na constituição daquilo que chama de “democracia social” como premissas que animam as escolhas dos temas de que trata o texto. Considerando os currículos como tudo aquilo que se passa nas escolas, envolvendo os conteúdos formais de ensino, relações sociais, manifestações culturais e conjuntos de conhecimentos não escolares, a discussão proposta visa a evidenciar os modos pelos quais alguns dos princípios da emancipação social – notadamente a noção de conhecimento-emancipação, a ideia de que “quanto mais globais forem os problemas, mais locais são as soluções” e a perspectiva ampliada de compreensão da racionalidade estético-expressiva – contribuem para a reflexão curricular fornecendo elementos potencializadores de compreensão ampliada das questões e soluções que envolvem os currículos *pensadospraticados* nos diferentes cotidianos escolares. Nesse sentido, é possível afirmar que a desinvisibilização dessas práticas curriculares emancipatórias já em andamento, cuja busca é pela construção do conhecimento-emancipação – que aceita certa dose de caos e considera a solidariedade como saber –, contribui decisivamente para a recuperação da esperança em “um mundo melhor”, esperança além da espera, ativa na construção da possibilidade efetiva de sua realização, conforme anunciada por Boaventura.

Carlos Eduardo Ferrazo e Janete Magalhães Carvalho, por sua vez, examinam no texto “Currículo, cotidiano e conversações” a potência das redes de conversações na constituição das relações *praticaspolíticas* que articulam a constituição do comum nos currículos. Os





autores discutem as redes de conversações como formas de dizer de nossas experiências, que se constituem tanto como expressões de uma subjetividade pré-individual como de processos de singularização, isto é, como modos de dizer que atravessam os modos coletivos de individuação e enunciação, potencializando políticas curriculares voltadas para a instituição de comunalidades expansivas, valorizando vozes desautorizadas e estilizando formas lineares de pensamento. Abordam pressupostos que têm orientado a perspectivar o currículo em direção às *praticas políticas* de constituição do comum por meio do incremento das conversações e/ou das narratividades, a saber: a noção de políticas e práticas; a relação entre currículos “oficiais” e realizados; a valorização de saberes narrativos; as práticas cotidianas do conversar e narrar.

Lyn Yates e Cherry Collins, no artigo “A ausência de conhecimento nas reformas curriculares australianas”, apresentam os resultados de um estudo sobre as mudanças curriculares em seu país entre 1975 e 2005, com foco na análise dos “Parâmetros e Perfis” do início dos anos 1990 e das formulações “Aprendizagens Essenciais” da última década. As autoras defendem que o gerenciamento externo e o foco no progresso dos alunos são direcionadores-chave das políticas curriculares que estão sendo construídas. Nesse sentido, consideram ser crescente a tendência em abordar os Parâmetros curriculares em termos do que os alunos deveriam conseguir fazer, em vez de em termos do que eles deveriam saber.

Os textos de Maria Luiza Sússekind e Rosanne Dias, por sua vez, se debruçam sobre a formação de professores. Maria Luiza apresenta no texto “O ineditismo dos estudos *nos dos com* os cotidianos: currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública no Rio de Janeiro” as primeiras tramas de seus estudos de pós-doutoramento com o objetivo de discutir, no contexto de internacionalização dos diálogos no campo do currículo, as vantagens dos estudos do cotidiano como metodologia de pesquisa em educação e como postura *politicoepistemológica* que redefine paradigmaticamente o entendimento dos fenômenos observados no cotidiano escolar. Descreve e interpreta relatos de situações cotidianas observadas em pesquisa de campo que abordam questões da formação de professores, das práticas curriculares e das relações entre os pesquisadores acadêmicos e seus protagonistas de pesquisa, os professores das escolas. Estabelece conexões entre relatos de estudantes de Pedagogia de uma universidade pública no Rio de Janeiro, três gerações de





autores brasileiros do campo dos estudos do cotidiano em educação e os autores canadense Ted Aoki e americanos William Pinar e William Doll, além de literatura complementar da área das ciências sociais, tecendo contribuições para o campo do currículo e da epistemologia da educação. A autora conclui que o interesse manifesto por pesquisadores estrangeiros sobre a produção acadêmica nacional tem base na interdisciplinaridade, ineditismo e ousadia na aplicação de noção única de cotidiano ao campo da educação, em geral, e do currículo, em particular, encontrando eco nas produções mais significativas dos autores acima citados, além de apontar para superação paradigmática por meio da complexidade e ordinaryidade das práticas sociais emancipatórias observadas e interpretadas no cotidiano escolar.

No texto “Política curricular de formação de professores – campo de disputas”, Rosanne analisa os discursos dessas políticas no período de 1996-2006, a partir de textos difundidos em eventos como as reuniões da Anfope e da Anped e os Endipes. Desenvolvendo seu trabalho no campo da teoria do discurso e da abordagem do ciclo de políticas de Ball, a autora conclui a não existência de uma proposição única que consolide as demandas dos diferentes grupos em disputa nas políticas para a formação de professores no Brasil. Defende assim que a formulação de duas diretrizes – Diretrizes Nacionais para a Formação de Professores e da Pedagogia – são a expressão desse embate, na medida em que em torno de cada uma delas foi empreendida uma mobilização pelas demandas dos grupos atuantes na política.

Álvaro Hypólito, Jarbas Vieira e Maria Cecília Lorea Leite, no texto “Currículo, gestão e trabalho docente”, também se debruçam sobre as políticas educacionais, mas focalizam mais detidamente sua relação com a gestão e o trabalho docente nas escolas públicas. Os autores defendem que as atuais políticas educativas assumem um viés neoliberal e gerencialista, dominado pela esfera econômica, e dessa forma endereçam os sentidos dos docentes, do currículo e dos modos de gestão para um conservadorismo educativo e um eficientismo. Como argumentação mais ampla, propõem que as ações do estado gerencial e as políticas educativas têm um caráter regulador capaz de fabricar determinadas identidades docentes e um modo de gestão.

No artigo “A pós-graduação como lócus da produção de conhecimento sobre currículo no Nordeste do Brasil”, Francisca Pereira Salvino analisa as condições de produção e





circulação do conhecimento no campo do Currículo em universidades situadas no Nordeste, de forma articulada com a política nacional de pós-graduação. A partir de uma abordagem teórico-metodológica pós-estruturalista, com foco na diferença, na cultura, no hibridismo e na resistência, a autora defende que a produção do conhecimento em Currículo e uma circulação mais equânime dessa produção ocorrerão, na medida em que as padronizações e pretensões universalizantes da avaliação sejam problematizadas e a subjetivação e a particularização inerentes à política de pós-graduação favoreçam a interculturalidade.

Com a socialização desses oito textos não pretendemos expressar todas as tendências do atual campo do Currículo no Brasil – o que certamente não seria possível –, mas mencionamos apresentar como vêm sendo desenvolvidos, em diferentes grupos de pesquisa com larga trajetória no campo, alguns dos significativos debates teórico-metodológicos que tornam hoje o campo fértil e instigante.

Alice Casimiro Lopes

Inês Barbosa de Oliveira

